

Prólogo

TRÊS MESES ANTES

Rhys

Não consigo respirar.
O frio gélido perfura-me a camisola. Sinto-o na barriga — *caramba*, caí de barriga no gelo. *Terei desmaiado?*

— Estás a portar-te muito bem... consegues levantar a cabeça e olhar para mim?

Vejo tudo preto. Fecho os olhos e volto a abri-los. Nada. Pestanejo continuamente; pelo menos, acho que o estou a fazer... Raios, quanto tempo estive apagado?

— Koteskiy, preciso que respire — diz outra voz antes de sentir uma mão a agarrar-me o braço. — Não o movas, Reiner, ainda não.

Ouçõ o som de uma lâmina a rasgar o gelo e depois a voz do meu melhor amigo, Bennett:

— O que se passa? O que aconteceu?

Quero chamá-lo. Tento desesperadamente fazer com o que o nome dele me saia da boca, mas é como se os meus lábios estivessem selados.

— Afastem-se todos. Para trás!

— Não vejo nada — consigo, por fim, articular. — Não vejo nada. — Esta segunda sai na forma de um soluço engasgado.

— Calma — pede o Ben, a voz compassiva, apaziguando o medo e a adrenalina que me percorrem o corpo. — Relaxa, Rhys... respira.

— Onde está o meu pai? Não vejo nada.

No lugar da minha voz, ouço um ruído estranho, como algo a ecoar numa caverna. Estarei a falar ou só acontece na minha cabeça? *Porque não consigo ver?*

Volta tudo a turvar-se, e a dor lateja-me na cabeça ainda com mais força. Quero abrir os olhos. Quero empurrar a língua contra os dentes para confirmar que continuam todos lá, e juro que da próxima vez usarei um protetor bucal. Quero voltar atrás, prestar atenção, manter a porra da cabeça levantada durante aquele embate. Não quero estar aqui.

Não quero estar aqui.

Não quero estar aqui.

As vozes à minha volta começam a diluir-se até desaparecerem por completo enquanto me afundo na escuridão densa que me aprisiona.

1

PRESENTE

Rhys

— **E**xperimenta só hoje, e se continuares a sentir-te uma merda, não volto a pedir-te. Está bem?

Mesmo com o volume do telemóvel tão baixo que deveria estar no modo silencioso, a voz do meu pai ecoa retumbante. Encolho-me ligeiramente, recorrendo à memória muscular para puxar as calças de fato de treino pretas pelas pernas na escuridão do quarto. Depois de enfiar a camisola com capuz, pego no telemóvel, que está em cima da cómoda.

— Eu estou bem — digo. Não é propriamente uma resposta, mas sei o que ele está a perguntar com aquela ordem.

Somos feitos da mesma massa, o meu pai e eu — ambos calmos sob pressão, «mergulhados como Aquiles numa piscina de confiança», segundo a minha mãe. Fui comparado a ele a vida inteira — pela aparência, pela forma como patino, pela maneira como jogo —, e, ao contrário de muitos outros filhos de jogadores da NHL com quem cresci, isso nunca me incomodou.

O meu pai sempre foi o meu herói.

É por isso que sei que ele me pediu que colaborasse hoje com a Fundação Primeira Linha — a instituição que fundou depois de se reformar da NHL —, servindo apenas de pretexto para perceber como estou. Antes, passávamos horas a falar sobre hóquei; agora, mal trocamos frases de circunstância, e ele sabe que comecei a evitá-lo.

A fundação financia bolsas para miúdos que querem jogar hóquei mas não têm meios para isso. Já participei no programa, e até gostei; porém, agora...

Agora, parece-me esmagador, como se soubesse que nem os sorrisos das crianças vão afastar o pavor constante que me rói por dentro.

— Rhys — chama ele outra vez, ainda demasiado alto. Sopro o ar com impaciência, calço os ténis e agarro no saco antes de sair para o ar morno de junho. — Experimenta só hoje. E depois, se te apetecer, amanhã de manhã, pega nas chaves do carro e vai fazer alguns exercícios antes de o rinkue abrir.

Aceno com a cabeça e atiro o saco para o banco de trás do *BMW*. Há cerca de um mês que posso voltar a conduzir, mas mal saí de casa desde então.

— Está bem — respondo por fim, apertando as mãos no volante no silêncio que se segue. O som do vento a atravessar o altifalante crepitante diz-me que ele vai a conduzir com as janelas abertas a carrinha velha a que a minha mãe chama «aquela coisa».

— E se não estiveres preparado este ano, não há motivo para te forçares. Um ano a mais pode até ser bom para causares melhor impressão aos olheiros antes do próximo *draft*¹...

O próximo *draft*... Os meus ombros erguem-se defensivos, mas não ignoro o ligeiro apelo da ideia, esperar até deixar de me sentir assim em relação ao hóquei, até voltar a adorá-lo como sempre adorei.

Isto é ridículo. Não sou um soldado. Jogo hóquei universitário na NCAA... já devia ter ultrapassado este problema.

Corto-lhe a palavra antes que esta conversa me arraste de novo para o quarto, com as cortinas opacas bem corridas.

— Quero jogar. Sinto-me pronto para regressar — minto. É uma frase que tenho treinado, por isso sai-me com mais facilidade do que respirar. — Estou bem.

Do outro lado, um suspiro profundo. Trocamos despedidas rápidas e, finalmente, ligo o carro.



¹ Processo de seleção anual em que as equipas escolhem novos jogadores. (*N. da T.*)

O ringue está cheio, sobretudo para uma quinta-feira à hora de jantar. Miúdos dos cinco aos treze anos cruzam-se e ziguezagueiam pelo gelo, acompanhados por alguns voluntários que reconheço de outras iniciativas — antigos jogadores, pais experientes na área. Até avisto o Lukas Bezek — uma das novas estrelas dos Bruins —, com a equipa de redes sociais, a treinar *slap shots*² com os mais velhos.

Mal ponho o pé no gelo, uma pequena figura embate-me nas pernas soltando um grito atrasado:

— Cuidado!

Agarro o miúdo antes que ressalte das minhas coxas e se estatele no gelo.

Ele ri-se enquanto o sustenho pelas pequenas ombreiras e pela camisola, à espera de que volte a firmar os patins. Ele fica o tempo todo a olhar para mim. Tem o rosto salpicado de sardas e um sorriso desdentado que o faz parecer a versão miniatura de um jogador de hóquei. Escorrega outra vez — ainda não domina bem as travagens —, mas não franze o sobrolho nem se mostra minimamente frustrado.

— Desculpa — diz, deixando escapar um assobio pelo espaço onde lhe falta um dente. — Estou a aprender a travar.

O antigo Rhys ter-se-ia rido e dito qualquer coisa leve ou engraçada, como *Não faz mal, campeão. Eu também*. Mas até a ideia de rir me parece impossível, e limito-me a esboçar um sorriso, tanto quanto o meu rosto permite.

— Ainda bem que hoje vamos treinar essas travagens — anuncia uma voz animada, e uma rapariga alta e bonita desliza até nós, travando com precisão e seguida de um pequeno grupo. — E bom trabalho, Liam, por encontrares o nosso treinador convidado de hoje!

O Liam, ainda agarrado à minha perna com uma mão enluvada, ri-se outra vez e inclina-se para trás.

— Ele é tão alto!

Os miúdos que agora nos rodeiam riem-se e sorriem, à espera de alguma coisa da minha parte. Sinto o suor a humedecer-me a nuca perante aqueles rostos plenos de expectativa, todos voltados para mim, à espera que reaja.

² Tipo de remate no hóquei no gelo em que o jogador levanta o *stick* e bate com força no disco. (N. da T.)

Talvez isto tenha sido um erro.

— Este é o Rhys — continua a rapariga. — É centro nos Waterfell Wolves, joga hóquei na universidade, perto de Boston, desde que tinha a vossa idade. E hoje vai ajudar-vos com a patinagem.

— Vamos jogar hoje? — pergunta uma menina com o capacete nas mãos, as faces a corarem de imediato devido à atenção dos colegas.

— Provavelmente não. Vamos concentrar-nos mais na patinagem, está bem? — Ela sorri para o grupo, que responde com um coro de entusiasmo. — Depois fazemos um bocadinho de controlo de *stick* aqui com o nosso capitão — acrescenta, apontando para mim. — E acabamos com alguns jogos divertidos. Que me dizem?

Um novo coro de gritos entusiasmados ecoa pelo rinque antes de ela os mandar fazer voltas de aquecimento.

— Espero que não te importes que eu tenha assumido as rédeas — diz, estendendo-me a mão. — Sou a Chelsea. Informaram-me de que vinhas ajudar hoje com os mais pequenos.

— Sim — respondo. Deslizo devagar ao lado dela até ao outro extremo do gelo, onde há uma pilha de cones encostada à tabela, e tento recompor-me. — Obrigado por isso. Estava um pouco desligado esta manhã.

— Eu percebo. — Ela ri-se. — Todos temos noites *dessas*.

Devia rir-me, ou pelo menos anuir, como se esta apatia fosse apenas a ressaca de uma saída difícil, mas mal consigo forçar meio sorriso enquanto montamos os exercícios.

— Enfim, com os mais pequenos, é basicamente uma aula de patinagem. Os que têm mais de dez anos estão com os Bruins para uma ação mediática. — Ela acena na direção do grupo desajeitado que regressa para o nosso lado. — E o pequeno que tentou derrubar-te é o Liam. Precisa de um pouco mais de atenção, se quiseres focar-te nele hoje. Torna-se mais simples.

E é o que faço.

O Liam é fácil, um aprendiz entusiasmado, embora trapalhão, que nunca perde o sorriso. Agarra-se a mim com naturalidade, lançando de vez em quando um olhar determinado aos outros miúdos, o sobrolho franzido em concentração.

A Chelsea encerra a sessão com uma pequena roda final. Só metade consegue ajoelhar-se; os restantes permanecem estendidos no gelo, a sorrir, radiantes.

Fico à espera daquele pequeno estalo de reconhecimento, de me ver ali, com a mesma idade, a segurar no *stick* do meu pai enquanto ele me deslizava pelo gelo depressa demais. De me recordar a vê-lo jogar na televisão, vestido com a camisola dele, a gritar como a minha mãe. Do meu primeiro golo sozinho, ainda que quase por acaso. Espero... e nada.

— O meu irmão também é muito bom — diz o Liam um pouco ofegante, agarrando-se outra vez ao bolso das minhas calças de fato de treino. O miúdo é um péssimo patinador, mas está feliz.

— É?

Ele olha por cima do ombro para o grupo dos mais velhos que termina do outro lado do gelo.

— Sim. O Oliver. Aposto que vai ficar com inveja por teres patinado comigo hoje.

— Com inveja? — arqueio-lhe uma sobancelha.

Ele acena e solta outra gargalhada.

— Claro. Tu jogas nos Wolves, e o Oliver quer *mesmo* jogar lá.

Olho em volta, perguntando-me porque é que nenhum dos pais, reunidos à volta das crianças na mesa dos lanches, chamou pelo Liam. Os mais velhos dispersam em direção ao portão, todos menos um — um rapaz mais alto, com o cabelo comprido o suficiente para lhe sair por baixo do capacete, patina na nossa direção.

Não vejo a Chelsea em lado nenhum. Na verdade, o gelo ficou quase vazio. Pais e filhos espalham-se pelas bancadas e à volta da mesa, entre gargalhadas e conversas que ecoam pelo ringue aberto. Espero que alguém se aproxime do vidro e repare nos dois rapazes, mas ninguém lhes presta atenção.

— Ela não veio? — pergunta o mais velho, o Oliver, tirando o capacete e segurando-o nas mãos. Tem o cabelo mais escuro, mas os olhos cinzentos são tão iguais aos do irmão que é impossível não notar a semelhança.

O Liam abana a cabeça, e, pela primeira vez naquela tarde, fica em silêncio.

O Oliver solta um som frustrado e, depois de me lançar um olhar cauteloso, vira-se para o Liam com as mãos nas ancas.

— Eu disse-te que, se ela não estivesse aqui, esperasses por mim junto aos lanches com a menina Chelsea.

O Liam faz beicinho e larga-me a mão para tentar patinar, ou avançar aos tropeções, até ao irmão.

— Mas é um lobo! — explica em voz quase sussurrada, soltando um leve resmungo. — Ele joga nos Waterfell.

Fica à espera da reação do irmão, mas o Oliver parece envergonhado, quase irritado. O Liam liberta outro ruído de frustração e vira-se para mim.

— Não é, Rhys?

Esboço um sorriso e assinto.

— É sim, Liam.

— Ele vai ensinar-me tantas coisas de hóquei. Vou ficar ainda melhor do que tu.

O Oliver sorri, ainda que contrariado, enquanto o irmão patina em círculos à volta dele. Deve sentir que está a voar, embora mal consiga equilibrar-se num pé.

É fácil ver a cumplicidade entre os dois, e isso transporta-me até aos meus seis anos, quando corria atrás do Bennett como um louco. Ele sempre foi maior, mas eu era mais rápido. É meu irmão, mesmo que não seja de sangue, e uma dor profunda emana-me do peito ao pensar nele, nas cem chamadas e mensagens que continuam por ouvir e responder no meu telemóvel.

Não o vejo desde o hospital, apesar de saber que foi lá a casa várias vezes, só para os meus pais o mandarem embora repetidamente.

O telemóvel vibra-me no bolso, e pego nele.

BENNETT REINER: 152 mensagens por ler

Sei que estás vivo, idiota. Atende o...

Sem ler mais do que a pré-visualização, volto a enfiar o telemóvel no bolso e ignoro a pontada de culpa que ameaça instalar-se em mim. Concentro-me outra vez nos rapazes, que me encaram em silêncio.

De repente, a Chelsea junta-se a nós. Sorri aos miúdos e encolhe ligeiramente os ombros antes de se inclinar para me murmurar:

— São sempre os últimos a sair. — Enquanto fala, olho em volta e percebo que a mesa dos lanches já está vazia. Somos os únicos que restam no rinque. — Alguém tem de ficar com eles até...

A porta bate com estrondo e uma rapariga desce a rampa a correr em direção ao portão. É magra, veste *leggings* pretas justas e uma camisola azul demasiado larga, afogando-se praticamente nela. O rabo de cavalo está solto, revolvido pelo capuz que lhe cai sobre os ombros. O ar desalinhado, quase exausto, faz-me perguntar quando dormiu pela última vez.

Vejo o rosto do Liam iluminar-se; dobra os joelhos, parecendo prestes a saltar de entusiasmo, não fosse o medo de cair. Ao meu lado, a Chelsea revira os olhos, num gesto claro de que não é a primeira vez que a rapariga se atrasa.

— Já cheguei! — grita ela, correndo, e a mala a saltar-lhe, pendurada nos ombros. Entra no gelo de ténis rasos, desliza desajeitadamente por um segundo e depois recupera o equilíbrio, avançando a passos rápidos na nossa direção.

— Estás atrasada — diz a Chelsea, secamente. — Outra vez.

Põe as mãos nos ombros do Oliver num gesto protetor, e o rubor intensifica-se no rosto já corado da recém-chegada.

— Eu sei — responde ela, ajoelhando-se de modo a ficar à altura do Liam, que continua radiante, sem qualquer sinal de frustração para com a sua... mãe? Parece demasiado nova, sobretudo considerando que o Oliver deve ter uns onze anos.

A rapariga olha brevemente em volta e, nesse instante, sou atravessado por um lampejo de reconhecimento. Já a vi. Só não sei onde.

A jovem não responde à Chelsea e oferece um sorriso enorme ao Liam, que a fita como se ela fosse o centro do mundo, antes de se virar para o Oliver, cujo rosto, ligeiramente descaído e vermelho, denuncia a decepção.

— Desculpa, campeão. — Morde o lábio com força; os seus olhos cinzentos, muito abertos, quase lhe imploram. — Esforcei-me mesmo.

— Hoje fiquei ainda mais rápido — interrompe o Liam, alheio à frustração do irmão.

Ela pisca-lhe o olho e passa-lhe a mão pelo cabelo, despenteando-o ao levantar-se.

— Aposto que um dia vais ser ainda mais rápido do que o Crosby.

Quase protesto, em parte porque a imagem de um póster do Sidney Crosby no quarto dela em miúda me invade a mente. Mas também porque, apesar de os meus lábios mal se moverem — não há o mínimo indício de um riso —, fico surpreendido com a rapidez com que ela arrancou uma reação ao meu corpo vazio.

— O Crosby não é o mais rápido. E prometeste que vinhas ver — acusa o Oliver, ainda de sobrolho carregado e faces ruborizadas.

— Oliver, a sério, desculpa. Prometo que vou lá estar...

— Dizes sempre isso. E só não apareces por causa *dele*. — A palavra sai-lhe como veneno, e a expressão dela fecha-se. Quem quer que seja esse *ele*, é claramente um problema constante. Um namorado, talvez? Cruzo os braços, e dou por mim a concordar com a Chelsea.

— Porque não me mostras agora? — desafia ela, num tom esperançoso, tentando mudar o rumo da conversa. — Dá-me um minuto para calçar os patins e até faço uma corrida contigo...

— Na verdade — interrompe a Chelsea —, temos de sair do rinkue. Precisam de o limpar antes do jogo da liga amadora esta noite. Anda, Oliver, vamos buscar-te uma bolacha da mesa dos lanches. Guardei algumas para ti.

O Oliver segue-a em direção à saída. Só então reparo que a rapariga ficou a olhar para mim, de sobrolho franzido.

Subitamente consciente de mim mesmo, coisa que nunca me acontecia antes do acidente, endireito a postura. Os meus braços ficam descaídos ao longo do corpo, o que me parece ainda pior. Cruzo-os outra vez, sinto-me ridículo e deixo-os cair de novo, enquanto enfio uma mão no bolso.

— Quem é o grandalhão? — pergunta ela ao Liam, arqueando uma sobrancelha. O Liam sorri.

— Oh, sei... não devemos confiar em estranhos... mas este é o Rhys.

— Não sei quem é o Rhys, pestinha.

— Ele vai ajudar-nos a ficar *mesmo* bons no hóquei — diz o Liam no momento em que um dos patins lhe foge e ele cai de barriga no gelo.

Estendo o braço, levanto-o com facilidade e seguro-lhe nos braços até ele recuperar o equilíbrio. É fácil, sobretudo porque devo ter repetido isto umas vinte vezes na última hora.

— Estás bem? — pergunto, baixando-me até à altura dele e oferecendo outro breve sorriso, contido, à rapariga, que nos observa.

Fico à espera de qualquer coisa — um sorriso, um gesto de aprovação, um *Que querido*, ou um *Tens mesmo jeito para crianças*. Antes, seriam respostas normais ao meu *charme* fácil. Mas ela não me dá nada além de um olhar amplo e vazio.

Odeio-o, a sensação de que aqueles olhos cinzentos, felinos, conseguem ver tudo. Como se houvesse algo fisicamente errado comigo que denunciasse o absoluto caos escondido sob a minha pele.

— Eu estou bem — responde o Liam, patinando com as pernas a tremer. — O Rhys é o melhor jogador de hóquei.

— Ahh. — Ela anui, os olhos ainda irritantemente fixos em mim. — Está bem, então despede-te da estrela do hóquei, pestinha. Está na hora de irmos para casa.

— Adeus, Rhys! Para a semana trago o meu capacete. Tem autocolantes! — O Liam quase grita a resposta, levantando-se de mais uma queda, e tentando que o continue a ouvir. Devia acompanhá-lo, fazê-lo sentir que sou amigo dele, mas tenho uma sensação pesada no peito que mal me deixa respirar, quanto mais responder-lhe.

O Liam cai mais duas vezes até chegar às tabelas e às bancadas, onde o irmão já desaperta os patins. O Oliver observa a rapariga com atenção, como se estivesse preocupado com ela apesar de zangado.

Ela sopra um som de frustração; a franja e os fios soltos do cabelo castanho e sedoso agitam-se-lhe à volta do rosto. Fico um instante à espera de me apresentar, mas reparo na etiqueta pendurada na mala dela.

— Andas em Waterfell?

Não apenas Waterfell — no fim do logótipo há um patim bordado. Um patim de patinagem artística.

A jovem vira-se para mim tão depressa que perde o equilíbrio. Agarro-a, sem me surpreender por parecer leve como o ar de tão pequena que é, e volto a pô-la de pé antes sequer de ela conseguir pestanejar.

Não recordo o seu nome, se é que alguma vez o soube, mas lembro-me dela. Já a vi entrar e sair do complexo várias vezes, sempre a correr, sempre meio desalinhada.

Mas a lembrança que agora me bate com mais força é a de a ver irromper por um dos nossos treinos num dia em que ficámos mais tempo no gelo, a gritar a plenos pulmões com o nosso treinador, sempre tão calmo, até que um homem alto, de expressão severa, a agarrou pela cintura e a levou dali.

Fiquei por lá depois do treino, demorei-me um pouco nos túneis, enquanto ela punha música alta, vibrante e estrondosa, e avançava para o gelo todo marcado, impedindo o Zamboni de o limpar enquanto patinava como se quisesse matar alguém.

Paixão pura.

Vista assim de perto, é bonita, mesmo com aquele ar desleixado. O cabelo é escuro e brilhante, a pele rosada mas pálida, com uma pequena mancha de sardas por baixo do olho direito.

— Ainda bem que te apanhei. — Tento sorrir, o meu velho *charme* a envolver-me como um casaco grosso, um escudo. Ela pisca os olhos uma vez, duas, e depois franze a testa, irritada, e afasta-me com um empurrão.

— Tenho a certeza de que apanhas muitas coisas.

Continuo a sorrir, apesar da frieza da resposta e do vazio que me corrói o estômago.

— Jogo hóquei pelos Waterfell.

— Muito bem, meninos — chama ela, ignorando-me e às minhas palavras, e empinando o nariz. Algo dentro de mim contorce-se, não sei se por ela desprezar aquilo que em tempos me tornava tão valioso, ou por não mostrar qualquer sinal de me reconhecer. — Vamos.

Os dois rapazes agarram nos sacos do equipamento e seguem atrás dela com ar confiante, o Liam tão animado como antes e o Oliver tão abatido quanto já estava. Ver-lhe aquela expressão derrotada é como levar um murro no peito, e apresso-me a sair do gelo para os seguir.

— Ei — chamo, esperando enquanto os três se viram. — Posso falar contigo um minuto... hum, desculpa, não me disseste o teu nome.

O Liam ri-se e aponta para a rapariga franzina perto dele.

— Ela é a Sadie.

— Obrigada, pestinha. — Revira os olhos e dá-lhe um encontrão com a anca no ombro antes de olhar para mim. — Porque queres saber?

— Por causa... dos miúdos. É que... — Calo-me quando ela avança para mim. Quanto mais se aproxima, mais o meu coração dispara só de imaginar discutir com ela.

— O quê? — O tom é tão agressivo quanto a postura: os braços cruzados, o olhar duro fixo em mim, como se fosse *ela* o centro de 1,90 metros com mais uns centímetros de lâminas nos patins.

— Sou novo no programa de bolsas, mas o Liam e o Oliver são ótimos... apesar de tão novos.

— Eu sei.

Consigo manter o sorriso intacto, sobretudo porque sinto algo quente a vibrar no estômago.

— E, bem, acho que o apoio dos pais é importante para os miúdos, sobretudo no que toca aos interesses deles...

— Vai direto ao assunto, campeão.

Está bem. Chega de *charme*. Endureço o olhar e cruzo os braços.

— Devias fazer um esforço para estar presente. Não apenas promessas esquecidas.

Os olhos dela faíscam, um fogo a arder sob aquele cinzento-ardósia e, por um momento, penso que se vai lançar sobre mim, tentar esmagar-me contra as tábuas do rinque.

Talvez isso ajudasse, talvez me obrigasse a sentir alguma coisa além do vazio enorme que se abre dentro de mim. Talvez, se ela for mais forte do que parece, me faça estatelar de costas no gelo.

Sendo sincero, é o que espero.

— Anotado. Queres debitar mais alguma coisa aí do alto do teu pedestal? — A Sadie nem espera um segundo antes de continuar. — Ótimo! — Bate palmas, num gesto seco e rápido. — Ainda bem que tivemos esta conversa.

— Espera. — Tento outra vez, a minha frustração a aumentar enquanto estendo a mão e lhe agarro o pulso para a impedir de se afastar.

Ela reage de imediato, inflamando-se ao toque e afastando-se, como se eu tivesse tentado pegar-lhe fogo. Largo-a, mas vejo de seguida a mão

dela já enrolada, tanto quanto consegue, no meu pulso. Torce-o como um *bully* no recreio, numa espécie de golpe de autodefesa improvisado que me faz subir um arrepio pela espinha.

— Não voltes a agarrar-me assim. — Torce-me o pulso um pouco mais, e quase tenho vontade de lhe pedir que o mantenha ali, preso no calor da sua mão, porque é a primeira vez em meses que sinto *alguma coisa* que não seja dor.

Mas não posso, porque, quando finalmente consigo engolir em seco e descolar a língua do céu da boca, já desapareceram os três.